

**Sanitarista escreve livro ambientado em universidade fictícia, nos tempos atuais**

# Romance parodia sociedade contemporânea

CARMO GALLO NETTO  
carmo@reitoria.unicamp.br

No saguão da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), freqüentemente utilizado para manifestações artísticas, em uma parede se lê a frase de André Malraux: "Talvez uma das funções mais importantes da arte consista em conscientizar os homens da grandeza que eles ignoram trazer em si". Numa sala do segundo piso do mesmo prédio, mais exatamente no Departamento de Medicina Preventiva e Social, o professor Gastão Wagner de Sousa Campos, médico sanitário, abre sua alma de artista. Escrevendo novelas e romances, ele procura despertar a consciência para os problemas que acometem as sociedades modernas. O que faz com espírito lúdico.

Em seu mais recente romance, *Cérebro mente*, Gastão Wagner brinca com estudiosos que se dividem em dois grupos: os que atribuem o comportamento humano a funções biológicas, à constituição e ao funcionamento de cada cérebro, e os que consideram esse comportamento oriundo da mente, que resulta da interação do indivíduo com o ambiente. Ao utilizar no título um jogo de palavras, "Cérebro/mente" (o livro inicialmente se chamaria "Torre de Babel"), o autor traz à tona uma das grandes contradições da pós-modernidade: o excesso de informações. "Elas mais confundem do que esclarecem", diz.

"Eu vinha comentando com o escritor e médico Moacyr Scliar, que também atua na área de saúde pública, minha intenção de explorar num romance alguns paradoxos da tragédia contemporânea. Um deles é este excesso de informações nas publicações, na Internet e na mídia em geral. Essa profusão dificulta a seleção e não conduz, necessariamente, ao conhecimento", ex-

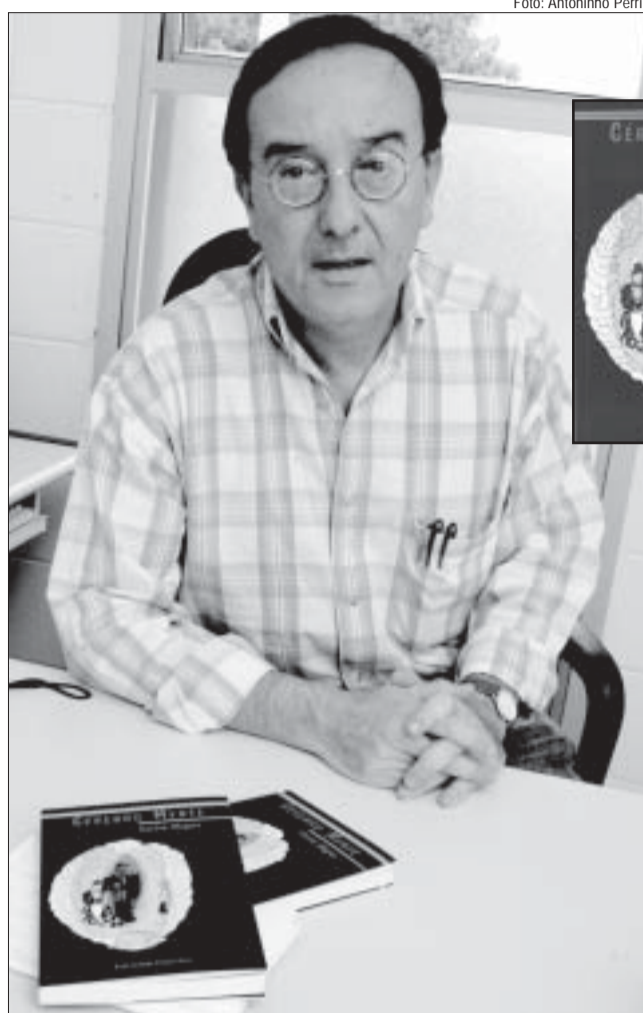


Foto: Antoninho Perri

Reprodução

*Gastão Wagner e a polémica em torno do cérebro e da mente: "O nosso comportamento é determinado pela genética ou resulta das relações familiares e sociais?"*

plica Wagner. Ao mesmo tempo, o autor considera a questão muito ligada à área da medicina, da psiquiatria, envolvendo uma polémica antiga sobre cérebro e mente: "O nosso comportamento é determinado pela genética ou resulta das relações familiares e sociais? Resolvi montar uma história em torno disso. A ilustração da capa, que mostra um grupo familiar envolvido pelo cérebro, já sugere essa dicotomia", observa.

O livro conta a história do neurologista e professor Lógicus da Silva e do seu meio-irmão René de Toledo e Camargo, nomes que remetem ao positivismo. Cientista

renomado, Lógicus acredita ter descoberto o "fator frontal" – particular conformação cerebral que dota seus portadores de grande capacidade empreendedora e de previsão do futuro. Para estudar o comportamento desses portadores, o médico constrói um projeto que promove a interdisciplinaridade ao nível máximo. O meio-irmão, por sua vez, aplica a descoberta do "fator frontal" à administração de empresas e cria o método de "reengenharia emocional", com a pretensão de utilizar fundamentos neurocientíficos na gestão de pessoal.

As peripécias acontecem no Ins-

tituto de Neurociência (INC), hospital-laboratório de uma universidade. A vida acadêmica serve de pano de fundo. "No meio de tudo isso, um detetive perplexo, Vigil Dedalus, tenta esclarecer uma morte misteriosa. Mas o acúmulo de informações, o efeito 'torre de Babel', embaralha as investigações. O mesmo efeito tolhe a pesquisa científica. Além disso, como o cérebro mente e faz trapaça, policiais e cientistas vêem-se desorientados", conta Gastão Wagner.

O autor explica que quis usar a literatura para expor os dilemas da ciência contemporânea, entre os quais o fato de se atribuir à genética o lenitivo para muitos dos males. Daí a brincadeira do título: cérebro/mente. "Preocupam-se com a mente os que valorizam o social, o subjetivo. O cérebro é mais valorizado pelos geneticistas, médicos, positivistas. A determinação genética existe, mas não de forma absoluta. A "torre de Babel" pós-moderna é virtual, as informações são acumuladas em arquivos eletrônicos e, no romance, os personagens não sabem o que fazer com o volume de informações. Eles acabam enganados por seus cérebros, mas isso já faz parte do suspense...", interrompe o médico.

**Humor** – Gastão Wagner recorre a preceitos da filosofia clássica (Sêneca, por exemplo, é um dos autores mencionados) para alertar "que se deve aprender a procurar, selecionar, focar e analisar as informações com objetividade. O livro diverte, é de leitura fácil e estimula as pessoas à reflexão", afirma o autor, como base nas opiniões de quem já leu o romance.

O humor está sempre presente na obra, assim como a compreensão pelo ser humano, como ressalta na contracapa o professor Jorge Coli, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp: "Os personagens são desenhados com contornos firmes. Não têm ações de fato espontâneas e naturais. Têm reações: um dos motores melhores

é o ressentimento. Nesse livro, o caráter cáustico bem presente não vem desprovido de uma generosidade terna. As ações se encadeiam numa lógica rigorosa e perfeitamente enlouquecida. Mistura constante de humor e de mal-estar no mundo que brota destas páginas". As ilustrações de *Cérebro mentesão* de Daniel Braga Campos, que estudou Artes na USP e é filho do autor.

**Saúde e letras** – Gastão Wagner formou-se em Medicina na UNB, universidade concebida por Darcy Ribeiro: "Era uma grande universidade multidisciplinar em que se aprendia medicina e se adquiria uma visão geral do mundo". O gosto pela literatura o levou a frequentar boa parte do curso de Letras. A atuação na saúde pública conduziu o médico aos ensaios e a vários títulos que assina como autor ou co-autor.

Este é o quarto romance de Gastão. *Equívoco*, uma história alegórica da esquerda brasileira na segunda metade dos anos 1970, narra o drama de um pai comunista à procura do filho desaparecido. *Calidoscópia* retrata uma cidade interiorana dividida entre resistir ou render-se aos encantos da modernização da sociedade brasileira no final dos anos 1950. *Tomar a Terra de Assalto* é um livro em que as esquerdas, no paraíso, anseiam tomar a Terra.

Gastão Wagner já arquitetou o próximo romance. Vai abordar as utopias, dificuldades e experiências na política e na gestão pública de sua própria geração. Pessoalmente, o autor acumula dois anos como secretário da Saúde em Campinas, no governo do prefeito Antonio Costa Santos, e mais dois anos como secretário executivo do Ministério da Saúde. "Se grande parte da minha geração foi cooptada e colonizada e se integrou às instituições, não se pode negar sua influência nas mudanças que vieram posteriormente. O mundo depois dela não é o mesmo. É um tema que dá literatura", finaliza.

# Experimento de laboratório pode ser feito em casa

Já é possível a um aluno de eletricidade e eletrônica, por exemplo, realizar em casa, via Internet, experimentos que o professor usualmente proporia apenas no laboratório da universidade. A ferramenta tem como base um editor similar a um editor de desenhos, que permite ao professor elaborar e disponibilizar experimentos remotos através da rede, e sem que para isso necessite do apoio de equipe especializada em desenvolvimento de hardware e software. O sistema é constituído por blocos eletrônicos, cujos componentes básicos são chaves, potenciômetros, capacitores e transistores. Esses componentes podem ser acionados isoladamente ou trocados entre si, conforme as necessidades do experimento, o que confere ao conjunto uma flexibilidade muito grande.

**Ferramenta idealizada na FEEC serve para outras áreas**

A ferramenta é fruto da pesquisa de doutorado de Marco Túlio Chella, orientada pelo professor Elnatan Chagas Ferreira e apresentada ao Departamento de Eletrônica e Microeletrônica, na Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp. Chella explica que um professor não precisa acionar uma chave remotamente, mas simplesmente conectá-la no circuito junto com os



Foto: Antoninho Perri

Marco Túlio Chella, autor da tese de doutorado: conjunto traz pronta uma arquitetura básica para uso do professor

demaís blocos eletrônicos que irão compor o circuito experimental. Em seguida, ele vai programar o comportamento dos blocos eletrônicos através do editor de experimentos e publicar o experimento para que o aluno possa acessá-lo remotamente.

A inovação está exatamente aí: o conjunto traz pronta uma arquitetura básica para uso do professor, que

vai se valer apenas dos conhecimentos de sua área, sem que precise se preocupar com detalhes técnicos e operacionais como arquitetura do hardware, programação da rede e interface gráfica. "A literatura menciona laboratórios de acesso remoto em que um grupo de especialistas em hardware e programas de rede, juntamente com o professor interessado, elabora o ex-

perimento. É um trabalho de equipe e qualquer alteração exige que o experimento seja reprogramado, criando-se novos componentes de atuação. Este novo editor pode ser utilizado sem a participação desses técnicos especializados e abre possibilidade para reproduzir variados experimentos", esclarece Marco Túlio Chella.

O pesquisador iniciou esse tipo

de trabalho no mestrado, preocupado em desenvolver ferramentas que utilizem novas tecnologias para apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Ele lembra que seu orientador na tese de doutorado identificou-se com a idéia, por causa das demandas nas disciplinas de eletrônica. "Em certas ocasiões, o professor Chagas Ferreira sentia necessidade de disponibilizar o laboratório por mais tempo aos alunos, o que nem sempre é possível por questões estruturais. Discutimos a possibilidade de oferecer aos estudantes os experimentos de forma remota, via Internet, e começamos a elaborar esta ferramenta", recorda.

Segundo Marco Chella, o sistema foi idealizado para o controle de dispositivos e coleta de dados com base em laboratórios de eletrônica, mas ele pode ser aplicado em diversas áreas que utilizem os mesmos procedimentos. "A ferramenta poderá ser bastante útil nas pesquisas em que a cooperação entre grupos de pesquisadores é cada vez mais pronunciada. Outra aplicação importante seria para o compartilhamento dos recursos de um equipamento caro mas de uso pouco intenso, entre grupos de pesquisa de instituições diferentes", observa. Com base nos testes pilotos, o pesquisador afirma que o sistema é funcional e viável. Para Chella, os laboratórios remotos constituem uma realidade cada vez mais presente no dia-a-dia das instituições. (C.G.N.)